



## FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES – PROJETO ARTE NA ESCOLA PÓLO UNIUI<sup>1</sup>

*Rosana Berwanger Silva<sup>2</sup>*

O Projeto Arte na Escola surgiu, na UNIUI, no ano de 1997 e tem como objetivo possibilitar aos acadêmicos da instituição e aos profissionais da área de arte espaço para a formação continuada, bem como acesso a materiais didáticos e bibliográficos atualizados para a área. Disponibiliza para os seus associados um acervo com CD-ROM de artistas brasileiros modernos e contemporâneos, livros, revistas e artigos sobre arte e cultura de um modo geral, pranchas com imagens de obras, jornal de periodicidade mensal e um site com informações, contatos, etc. Um acervo significativo para informar e instrumentalizar os professores da rede pública e particular como também os acadêmicos do Curso de Artes Visuais. Realiza encontros mensais e/ou quinzenais, variando de acordo com o estabelecido em cada pólo. O eixo condutor dos encontros “está relacionado com os objetivos traçados por cada grupo, considerando seus anseios, necessidades e realidades.” Busca-se articular as teorias da arte com aspectos da educação como também, abre-se espaço para “relatos de experiências, contemplando os saberes dos professores, suas metodologias e didáticas, estabelecendo relações com os debates contemporâneos sobre a arte e seu sentido na educação.” Nesse espaço, vou me deter em relatar as experiências vivenciadas ao longo deste ano com o grupo de professores participantes do pólo de Ijuí. Caracterizando o grupo, percebemos um perfil heterogêneo quanto a sua formação, uma vez que, participam professores formados em Educação Artística – Artes Plásticas, Artes Visuais, Pedagogia, graduados, especialistas, Mestres, que atuam na educação infantil, no ensino fundamental, ensino médio, orientadora de área na coordenação do setor pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Ijuí, orientadora do setor pedagógico da 36ª CRE – Ijuí. Enfim, mesmo que atuantes na área de artes apresentam vivências e repertórios distintos. Por um lado essa distinção é positiva, uma vez que, suscita um desafio de estimular a participação de todas a partir do repertório de conhecimentos que cada uma possui. Por outro, me desafia constantemente para que as questões tratadas em cada encontro sejam suficientemente instigantes e desafiadoras para todas. A proposta desenvolvida ao longo do ano é elaborada em comum acordo entre os participantes, a partir da manifestação da expectativa e desejo do que abordar. Neste ano o grupo solicitou um aprofundamento maior em relação às questões teórico e teórico-prática que tratassem dos conceitos presentes na arte contemporânea. Reconheciam que essa temática já fora estudada em outros anos, mas que por se tratar de um conteúdo complexo e de difícil discernimento, propunham que pudéssemos novamente discutir. Nos encontros da primeira e terceira terça-feira de cada mês passamos a estudar História da Arte Contemporânea. Percorremos a história do século XX e início desse século, e nos detivemos em aprofundar alguns movimentos e linguagens artísticas. No segundo momento, percebemos que o estranhamento e, por consequência o não entendimento de algumas proposições artísticas derivava também delas estarem distantes de sua prática de atelier, ou seja, discutiam sobre arte, mas não tinham tão presente a sua própria vivência artística. Organizamos propostas a



partir desse estranhamento. Iniciamos essa etapa com o desafio de realizar, individualmente, uma assemblagem. Discutimos novamente o seu conceito, suas possibilidades encaminhamos para que cada uma realizasse um trabalho no encontro seguinte. Os resultados foram variados, mas suficientes para que pudéssemos estabelecer critérios de análise que fossem além do “gosto e não gosto”. Como analisar um trabalho como esse? Foi a primeira questão levantada. Ao poucos foram estimuladas a relatar o que estavam vendo e estabelecer algumas relações entre os objetos, entre materiais dispostos com certa organização num espaço/suporte X. O meu papel foi tentar ir além, analisando cada trabalho realizado, estabelecendo relação entre a intenção desejada e o resultado obtido, a coerência ou não de ter utilizado um material X ou de ter organizado de uma forma X. De apontar elementos que de aparentemente estavam gratuitos no trabalho, ou que contemplavam totalmente a relação entre o propósito e resultado. Discutimos também a diversidade de leitura que o público poderia estabelecer com a obra, mas o foco principal era fazer com que cada uma percebesse o seu processo de criação e a relação entre o que instensionavam e o resultado plástico fruto dessa intenção. Da mesma forma aconteceu na proposta de instalação, com experiências bem significativas e instigantes para o grupo que foram desde propostas que solicitavam a participação mais efetiva do público, que era chamado a percorrer certos espaços, a se integrar à obra, a consumir parte da obra, etc. A fotografia digital foi a que, aparentemente, mobilizou e sensibilizou de forma mais efetiva o grupo. Foram dois encontros com proposições e desafios diferenciados. No primeiro encontro organizamos grupos com indicação de temáticas que norteariam as fotos realizadas. Os limites estabelecidos foram: o curto espaço de tempo, em torno de uma hora e trinta minutos, a temática (caminhos, marcos, concreto, paisagem, pessoas), o número determinado de fotos (em torno de 15 a 20) e o trabalho realizado em grupo. O passo seguinte foi o de gravar as imagens captadas e analisar com o grupo. No encontro seguinte, encaminhamos uma proposta que visava dar continuidade a experiência da foto digital. Agora tendo presente as questões levantadas na análise da experiência anterior e com o desafio de fotografar um objeto a escolha do grupo inserido na paisagem do campus. Novamente gravamos e projetamos as imagens estabelecendo, agora com maior conhecimento e vivência, uma análise das fotos de cada grupo. A continuidade dessa proposta é a de trabalhar com produções simples “caseiras” de vídeo-arte a partir dos recursos que as câmeras fotográficas digitais oferecem. Essa atividade, encontra-se no seu início, não sendo possível ainda analisar os seus resultados. O fato é que, já é possível perceber no grupo uma familiaridade maior com alguns conceitos e procedimentos artísticos, ainda com poucos relatos de desdobramentos dessas vivências na escola com as turmas que atuam. É preciso considerar que o foco das atividades desenvolvidas até agora ainda não foi direcionado para as vivências delas como professoras e sim para as suas vivências como agentes que passam por um processo de criação em atelier. O passo seguinte será pensar no grupo de que forma essas experiências podem refletir ou já estão refletindo na sua prática profissional. Quando pensamos em formação continuada e, particularmente em formação continuada em artes, devemos também considerar que, por situações as mais variadas que não cabe aqui apontar, grande parte dos professores abandona a sua prática de atelier. As experiências vivenciadas no momento de formação não são renovadas, ficam aparentemente num estado de espera que dificilmente será retomado, uma vez que, “aparentemente” não é prioridade. O mundo do trabalho exige competências



outras e envolve a todos de forma a ficarmos ou talvez ligarmos o nosso “piloto automático”. Fato esse que não permite parar para analisar o feito, o que falta, e como pensar em fazer de forma diferenciada, apenas realizamos. No caso específico do professor de artes e, entendendo a forma em que seus conteúdos são desenvolvidos na escola, temos que compreender que nosso repertório é constituído de aprendizados e renovações desses aprendizados teóricos e teórico-prático e esse é a nossa meta estabelecida para esse ano nesse pólo. O processo ainda está em andamento, não sendo possível elaborar parâmetros de análises maiores. O que já é possível identificar é o entusiasmo e desprendimento que o grupo está adquirindo nos momentos de realizar as atividades propostas, e, principalmente, de debater sobre as experiências vivenciadas.

<sup>1</sup> Relato de experiência

<sup>2</sup> Professora responsável pelas atividades e conteúdos desenvolvidos no pólo da UNIJUÍ, vinculada ao programa de formação continuada Arte na Escola.